

## RESENHA

*Marcelo Smeets*

PLANTINGA, Jr., Cornelius. **O crente no mundo de Deus: uma visão cristã da fé, da educação e da vida.** Trad. Francisco Solano Portela Neto. São Paulo: Cultura Cristã, 2008. 156 p.

Os jovens cristãos costumam queixar-se com certa freqüência da grande pressão que sofrem nos cursos universitários por causa de sua fé. O cristianismo, de modo geral, e principalmente o calvinismo, sempre fomentou o entusiasmo pela vida acadêmica. Mas o quadro atual é o da academia querendo banir qualquer vírgula que remeta à fé cristã. Além desse ceticismo massacrante, os alunos universitários cristãos são incomodados freqüentemente pela licenciosidade pecaminosa que reina em seus locais de estudo. Como entender a vida acadêmica de um jovem cristão dentro de um quadro tão inóspito? Será que é isso mesmo o que Deus quer – que seus filhos cresçam também no conhecimento acadêmico? Qual deve ser nossa visão diante do conhecimento secular que podemos adquirir?

Cornelius Plantinga demonstra em *O crente no mundo de Deus* que os cristãos sempre buscaram o conhecimento, pois essa é a maneira de contribuir para a restauração, operada por Deus, de todas as coisas que foram corrompidas pelo mal. É a busca da paz, da justiça, da harmonia, do *shalom*, no Antigo Testamento, e da “vinda do reino”, no Novo Testamento. O autor nos alerta para o fato de que “o todo da vida é sagrado: a sua inteireza está sob a bênção, o julgamento e os propósitos redentores de Deus”.

A proposta do livro é demonstrar como a instrução cristã de nível superior se enquadra dentro de uma visão de mundo e uma perspectiva de vida que são formadas por alguns dos temas principais da fé cristã. O jovem universitário pode ter sua cosmovisão cristã fortalecida em um ambiente educacional cristão e vivenciar sua vocação na sociedade, espargindo luz e salgando a terra.

Estruturam o livro cinco capítulos: 1. Expectativa e esperança; 2. Criação; 3. Queda; 4. Redenção e 5. Vocação no reino de Deus. No primeiro deles, existe

a constatação de que muitas coisas podem alegrar o ser humano, como ouvir belas músicas, deliciar-se com belas pinturas, contemplar um belo pôr-do-sol no mar, mas não podem preencher nosso copo até a borda. Isso porque nossa alegria está situada “além dos limites deste mundo”, nas palavras de J. R. R. Tolkien. Ansiamos por algo que está além do que vivemos. Esperamos pela redenção eterna, pela completude das promessas de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Ansiamos e esperamos por um mundo repleto de *shalom*, com a presença do reino de Deus em sua plenitude. Devemos atuar no mundo com essa viva esperança e enxergar Cristo neste mundo multifacetado. O autor afirma que, para compreendermos a profundidade de nosso chamado cristão, é preciso rever a seqüência da criação, da queda e da redenção, procurando visualizá-las nas suas inter-relações e nos seus relacionamentos. Esses temas são trabalhados nos capítulos seguintes.

“A criação é um ato de amor imaginativo”, diz Plantinga. Ao realizá-la, Deus abriu espaço no universo para a criação de outros tipos de seres e, assim, expressou sua graça. Portanto, estudar a criação e as Escrituras, em conjunto, é uma ótima oportunidade para se conhecer a revelação divina. A Bíblia nos diz quem e por que criou todas as coisas do universo. Além de uma variedade que não conseguimos abarcar, impressionam também a ordem e interdependência das coisas criadas. Todas as criaturas exibem a inventividade e o amor divino. Como autor reformado que é, ele esboça o mandado cultural, falando da responsabilidade do homem sobre o mundo em que vive. Deus fez o ser humano para dominar sobre todas as coisas.

No entanto, o efeito estufa, as catástrofes ambientais e os milhares de mortes causadas pela má gerência da natureza pelo homem nos fazem lamentar, como cristãos, nossa fraca atuação nesse sentido. Essas coisas também nos fazem lembrar do tema do segundo capítulo – a Queda. A má administração das dádivas que Deus nos concedeu desde a Criação, bem como, atualmente, por sua providência, são resultado do pecado, do mal que habita em nós desde o pecado de Adão e Eva. Plantinga destaca o fato de que mesmo os filósofos de muito tempo atrás, sem uma cosmovisão cristã, estudando a condição humana, observaram que o mal é o principal problema do ser humano. O homem corrompeu toda a sua natureza e isso afeta a todos, na verdade, toda a criação, que geme pelo dia da redenção (cf. Rm 8.22,23). O autor dá vários exemplos de como essa corrupção pode ser constatada e destaca que a culpa por esse quadro é do ser humano caído, ou seja, de todos.

A continuidade da organização proposta pelo autor nos leva à Redenção. O pecado está presente desde o primeiro homem e mulher, mas a graça de Deus também. Isso é demonstrado em um breve esboço do Antigo Testamento, em que a misericórdia de Deus sempre se evidencia. Após isso, a pessoa do Messias prometido, o Senhor Jesus Cristo, é apresentada – sua encarnação, sua obra expiatória e sua ressurreição. Por meio de nosso Mestre e Senhor, a Redenção

pôde ser alcançada. Devemos dar graças a Deus por isso, mas também é preciso que compreendamos que isso nos leva a estar em união com Cristo. Formamos um corpo com ele. E é essa idéia de corpo que é enfatizada por Plantinga. Ninguém está em união com Cristo vivendo à parte da igreja. Podemos desfrutar da união mística com o Senhor Jesus, mas somos “membros de um corpo local com ramificações globais, uma equipe completa de crentes, uma “nuvem de testemunhas (Hb 12.1)”. Desfrutar dessa comunidade permite que nos aprimoremos em descobrir o propósito de Deus e em torná-lo nosso projeto de vida, nos esforçando para ter o mesmo pensamento, tendo a “mente de Cristo”.

O reino de Deus está diante de nós, fomos vocacionados para atuar nesse reino e ele deve ser nossa preocupação primeira: “Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça” (Mt 6.33). No entanto, a busca dos cristãos pelo reino parece apática, pois não demonstramos o desejo de que ele venha de fato. Além disso, falta-nos a consciência de como deve ser nossa atuação no reino de Deus. O autor defende que, na verdade, há reinos dentro de reinos, ou seja, agimos dentro de uma esfera específica, mas o reino de Deus é a esfera da soberania divina. A vocação é um chamado para que, como bons cidadãos do reino, não somente nos contentemos em endossar a prática da justiça no mundo, mas sintamos fome dela e trabalhemos para produzi-la. Como afirma Plantinga, uma pessoa com um chamado foi eleita para ser uma seguidora de Jesus, o que significa que ela foi eleita para servir no reino de Deus. É interessante o autor chamar a atenção para o fato de os cristãos procurarem um maravilhoso panorama do que ele chama de subvocações: cantar, orar, participar da Ceia do Senhor, assar pães, ler bons livros, trabalhar, encorajar, consolar. Coisas de nosso cotidiano são importantíssimas em nossa vocação, considerando uma cosmovisão reformada e bíblica do assunto.

Também é no quinto capítulo que o autor aborda mais especificamente a questão da instrução, que pode ajudar o cristão a seguir sua vocação. A instrução universitária pode ser uma ferramenta, ainda que precise ser afiada. A instrução secular procura afastar qualquer abordagem religiosa. Ela geralmente promove uma visão secular do mundo e da humanidade, além de estar infestada por várias formas de falsidade e de conceitos confusos. Mas as universidades cristãs devem se empenhar para estar alinhadas “com os propósitos redentores de Deus neste mundo”. E o processo para que isso aconteça ocorre no dia-a-dia, na aquisição de conhecimentos, habilidade e virtudes necessárias para que cada um dê sua contribuição ao reino de Deus.

O livro também tem um Epílogo. Nele Plantinga relembra o que foi visto em toda a obra e motiva seus leitores, universitários ou não, a viverem fielmente diante de Deus, contribuindo para o reino de Deus. Ele alerta para a realidade das dificuldades que certamente estarão presentes, mas faz com que olhemos para o reino em primeiro lugar e mantenhamos viva a nossa esperança, trabalhando continuamente e aguardando a restauração final.

O livro conclui com pontos para discussão dos capítulos 1 a 5, o que o torna didático e prático. Teoria apenas não fará que os cristãos promovam um trabalho permanente em prol do reino. No decorrer da obra, vários exemplos e muitas citações são dados. Sua leitura flui de modo fácil e agradável e é indispensável para todos os cristãos envolvidos nas áreas de ensino, mas sem dúvida muito importante também para todos os crentes. Nossa cosmovisão, com base em princípios bíblicos, deve nortear nossos passos no dia-a-dia. Devemos estar com os olhos fixos nas coisas do alto, mas com as mãos no arado do cotidiano.